

## **Jovens, smartphones e relações familiares<sup>1</sup>**

Camila Rodrigues PEREIRA<sup>2</sup>

Sandra Rubia da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

Este artigo consiste em discutir a relação entre os jovens usuários de smartphones e suas famílias. Através de uma pesquisa de inspiração etnográfica com duração de sete meses observamos, em uma escola estadual da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, as diferentes apropriações que os adolescentes de camadas populares fazem do smartphone. Foram realizadas entrevistas em profundidade com dezesseis jovens na faixa etária entre doze e quinze anos, porém 137 alunos, matriculados na sétima e na oitava série da escola, foram observados. A partir das entrevistas com os adolescentes identificamos a relevância das relações familiares para a própria construção dos usos dos dispositivos móveis. A história de cada um com sua família molda a sua maneira de ver e utilizar o smartphone.

### **Palavras-chave**

Jovens. Smartphones. Camadas populares. Relações familiares.

### **Introdução**

O Brasil hoje está entre os maiores mercados globais de telefonia, é o quarto maior consumidor de smartphones ficando atrás apenas da China, dos Estados Unidos e da Índia<sup>4</sup>. Acreditamos que o Brasil é um país que merece a atenção dos pesquisadores para o campo do consumo de celulares e dispositivos móveis. Os smartphones ganharam muito destaque e nunca foram tão acessíveis no mercado brasileiro e tão evidenciados pela mídia. Sabe-se também da relevância que esses aparelhos têm na vida dos indivíduos, principalmente dos jovens (CASTRO, 2012; ROCHA, PEREIRA, 2009), não só como um objeto com variadas funcionalidades, mas sim como uma tecnologia que possui variadas funções simbólicas. Com o constante uso do smartphone os jovens não modificaram somente os seus hábitos, modificaram também o dia a dia de sua família.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Email: rp\_camila@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Email: sandraxrubia@gmail.com.

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/2014/04/vendas-de-smartphones-no-brasil-mais-que-dobram-em-2013.shtml>> Acesso em: 6 mai. 2014.

O que se pretende com este artigo é apresentar parte dos resultados de um estudo realizado em 2013 com adolescentes de camadas populares da cidade de Santa Maria e refletir sobre as relações familiares atualmente, sobre como os jovens e os pais estão lidando com o smartphone no cotidiano familiar. A metodologia utilizada neste trabalho é de inspiração etnográfica e a pesquisa teve a duração de sete meses. A etnografia é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas; essa metodologia exige que o pesquisador se insira na sociedade que irá estudar e por isso não pode ser um estudo realizado em um período muito curto de tempo (TRAVANCAS, 2011). Realizamos também entrevistas em profundidade, nas quais os jovens comentaram mais sobre suas famílias e suas histórias.

A amostra da pesquisa é composta por dezesseis jovens com idades entre doze e quinze anos pertencentes à classe popular. Com esses dezesseis adolescentes conversamos, realizamos entrevistas, e alguns ainda tornaram-se nossos amigos nas redes sociais. Porém o total de jovens observados foi de 137, número de alunos matriculados na sétima e na oitava série na escola que realizamos a pesquisa - uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Santa Maria. Preservamos a verdadeira identidade dos adolescentes; os nomes que aparecem neste artigo são fictícios.

### **Jovens e dispositivos móveis**

Definir o significado do termo juventude é uma tarefa difícil na contemporaneidade. É possível utilizar esse termo pela definição de idade cronológica e também por posições culturais e psicológicas. Segundo Kehl (2004) a juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição. O jovem, a partir do final do século XX, deixou de ter o estereótipo de criança grande, tímida e desajeitada, com espinhas, hábitos desastrosos e antissociais. Todos esses adjetivos da adolescência foram abandonados e transformados em um modelo de liberdade e beleza para todas as outras faixas etárias (KEHL, 2004).

A adolescência é uma fase em que os indivíduos desenvolvem a sua identidade e senso de autoestima e os dispositivos móveis se tornaram uma parte da vida cotidiana dos adolescentes e do seu processo de emancipação; a partir dessa informação é possível sugerir que a adoção dos telefones celulares pelos jovens não é simplesmente a ação de um indivíduo, mas sim de um grupo de indivíduos alinhando-se com a cultura de pares (LING, 2004).

O uso do celular hoje se transformou drasticamente e ele não é usado mais somente para realizar chamadas por voz (LEMOS, 2007; LING, 2004); ele é um artefato que possibilita que o indivíduo esteja sempre conectado, atualizado, dentro das redes sociais e interagindo tanto com uma pessoa da sua turma ou da sua família quanto com uma pessoa que está do outro lado do mundo. A pesquisadora Castro (2012) reforça que principalmente no caso das classes menos favorecidas, a porta de entrada para o mundo digital e para o mundo da sociabilidade é o telefone celular. A internet que antes só podia ser acessada através de um computador hoje ficou fácil de ser acessada pelos smartphones que tem um valor bem mais acessível.

De acordo com Ling (2004) o telefone móvel proporciona uma sensação de segurança e de coordenação da vida cotidiana, fatores muito almejados pelos adolescentes. Do ponto de vista intrafamiliar a posse de um celular significa que os adolescentes estão no controle de seu próprio canal de comunicação (LING, 2004). O autor também expõe que em sua pesquisa, muitos adultos se mostraram intimidados pelos jovens e se revelaram amadores quando o assunto é celular. Boa parte dos adultos têm a sensação de que o uso dos smartphones entre os adolescentes é uma coisa à parte, que os jovens possuem competências, habilidades tecnológicas e um estilo, que eles não tem.

A forma como os jovens aderem e se apropriam da tecnologia e da telefonia móvel além de proporcionar um maior controle e segurança para os mesmos, contribui para a construção de sua própria cultura por meio da diferenciação dos adultos, principalmente dos seus pais (CASTELLS ET AL, 2007). Na análise de Castells et al (2007) os autores frisam que existe hoje uma cultura jovem que encontra nos celulares e na comunicação móvel uma forma adequada de expressão e de reforço.

Através do smartphone hoje podemos nos manter conectados nas redes sociais e aplicativos o dia todo, a internet não é mais restrita aos computadores e notebooks. Entre as variadas utilidades que a internet fornece aos jovens, uma das mais especiais é a possibilidade de publicar suas próprias criações, seja em forma de texto, foto ou vídeo. Os autores Stern e Willis (2009) frisam que a busca por uma identidade constitui um dos aspectos principais da adolescência e acreditam que a internet pode auxiliar e facilitar a autorreflexão e a experimentação da identidade de forma conveniente. O fato de que cada vez mais jovens se empenham na criação de conteúdo *on-line* não deve causar estranheza, pois na internet, os adolescentes sentem que possuem mais autonomia para fazer, dizer e ir onde desejam (STERN; WILLIS, 2009).

A tecnologia para um adolescente muitas vezes pode ser uma fuga da vida dura e das relações familiares problemáticas, pode ser uma saída para uma vida mais simples, esperançosa, otimista e sempre jovem. A Internet e os dispositivos móveis, para Winocur (2009), constituem uma plataforma simbólica compensatória e substitutiva da falta de poder real dos jovens na vida cotidiana.

### **Celular e relações familiares**

A explosão de vendas de smartphones no ano de 2013 e 2014 no Brasil, a rápida disseminação dessa tecnologia no país e o sucesso desses dispositivos móveis entre os jovens, estão modificando não só os seus usos, o seu cotidiano e de seus amigos, mas as relações entre os professores e alunos nas escolas, e é claro, a relação entre pais e filhos em casa.

A psicóloga Verza (2008) fez um levantamento sobre a adesão dos telefones celulares e se surpreendeu com o alto grau de adesão à telefonia na faixa dos 12 aos 17 anos. Verza (2008) descobriu com sua pesquisa que os jovens valorizavam muito o fato de ter um telefone próprio porque ele permitia uma melhor inserção no grupo de amigos e na própria família. Os adolescentes que possuíam o dispositivo móvel afirmavam ser mais queridos pelos familiares em relação aos sem-celular.

A tecnologia permeia as relações familiares mesmo que a maioria dos jovens não goste da ideia de relacionar seu smartphone e suas redes sociais a seus pais. O impacto do uso do celular é distinto em cada pai, em cada mãe, em cada jovem, em cada família. Algumas famílias mais tradicionais e conservadoras são relutantes ao uso dos smartphones, principalmente com a possibilidade de se ter internet vinte e quatro horas no celular. Já outras famílias, mais flexíveis, muitas vezes onde os pais são mais jovens e também possuem celulares modernos, veem o uso do smartphone de forma positiva.

Os estudos de Nicolaci-da-Costa (2006) afirmam que com o aumento do consumo de celulares as relações entre mães e filhos se modificaram. O celular pode ser tanto um elo entre pais e filhos, ampliando as fronteiras de comunicação e proteção de ambos, como pode ser sufocante, quando pais utilizam o dispositivo móvel como “coleira digital” (NICOLACI-DA-COSTA, 2006).

Um ponto positivo que percebemos a partir das entrevistas em campo é que os jovens concordam que o telefone celular permitiu uma maior flexibilidade nos acordos com os pais e

estabelecimento de regras em casa, em função do filho poder sair de casa e avisar os pais através do celular onde está, poder estar próximo mesmo que longe de casa.

Segundo Verza (2008) em muitas famílias o jovem adquire um diferente status ao ganhar um celular. Isso porque simbolicamente o aparelho auxilia no rito de passagem para uma nova fase da vida do jovem. Entregar um telefone celular para um adolescente pode significar uma atitude de confiança dos pais sobre os filhos. Assim como um jovem com um celular pode significar mais tranquilidade para os pais, também pode significar um problema para os filhos, que às vezes passam a ser controlados em demasia pelos responsáveis.

A pesquisa de Dutra (2014) nos traz um diferente viés, pois em suas descobertas apareceram muitos conflitos no lar dos entrevistados em decorrência do uso constante do aparelho celular dentro de casa. Os jovens relatam fazer suas refeições diárias acompanhados do celular, assim como estão acompanhados do smartphone enquanto estão em uma conversa familiar. Nesses casos o aparelho acaba afastando quem está perto, a família, porém aproximando quem está longe, os amigos das redes sociais por exemplo. Todos os entrevistados no estudo de Dutra (2014) revelaram que o celular atrapalha a convivência no lar.

A psicóloga Verza (2008) acredita também que muitos dos conflitos envolvendo pais, filhos e telefone celular podem ocorrer quando a renda da família não está compatível ao consumo do jovem pelo aparelho, principalmente quando ele não tem renda própria para financiar seus recursos, o que é o caso da maioria dos adolescentes. Refletimos a partir dos pensamentos de Verza (2008) que os telefones celulares não modificam as famílias em si, mas podem interferir positiva ou negativamente nas relações entre as pessoas.

### **Smartphones e relações familiares: perfis e histórias dos jovens**

Histórias bem diferentes marcam a vida familiar de nossos entrevistados. Em relação à estrutura familiar, menos da metade das famílias dos jovens apareceram como estruturadas, no que diz respeito aos referenciais normativos que institucionalizam a família como: pai, mãe e irmãos. Alguns moram apenas com a mãe, uns vivem com a avó, alguns com mãe e padrasto, outros vivem com tios, e há aqueles entrevistados que possuem a tradicional família completa.

A jovem Melinda mora com sua mãe, seu padrasto e com dois irmãos mais novos do segundo casamento da mãe. O seu pai vive com a sua irmã mais velha em Recife. Por morar longe do pai e da irmã e vê-los poucas vezes por ano Melinda utiliza muito os pacotes de mensagens de texto e ligações no smartphone. Melinda tem um plano da operadora TIM, e o utiliza mais para realizar ligações, pois a chamada para qualquer lugar do país custa apenas 25 centavos. A jovem conta que chega a ficar de meia hora a quarenta minutos no celular conversando com seu pai

Janaína não chegou a conhecer os pais e foi criada por dois tios emprestados, uma tem 82 anos e o outro tem 65 anos de idade. A jovem tem 15 anos e está na sétima série. Os tios são bem mais velhos que ela, são muito rígidos e não entendem as novas tecnologias e tendências do momento; talvez seja por esse motivo, pela educação dos tios, que a jovem não confia no uso da internet pelo smartphone. A relação de Janaína com os tios é complicada, e a música para ela é uma forma de fugir, é um escape.

Janaína se considera viciada em celular, muito em razão da música, pois não consegue sair de perto do telefone e ficar muito tempo sem escutar suas bandas favoritas. A jovem acredita que muitas vezes o smartphone atrapalha, pois ela deixa de estudar e de prestar atenção em algumas coisas em casa para ficar escutando música. Por causa dos fones de ouvido a menina também deixa de ouvir muitas pessoas falando com ela, até mesmo as ordens de seus tios. Podemos perceber que a música para um jovem que possui problemas com a família, além dos financeiros, é uma maneira de esquecer suas dificuldades, sua vida real, e entrar em um refúgio.

Jonas foi criado e vive com a sua avó. Elisa mora com o pai, a mãe e o irmão mais velho. Ricardo não tem irmãos, mas vive com a mãe, com o pai e um gatinho de estimação que fez questão de mencionar na entrevista. O jovem Pablo vive com outras quatro pessoas em sua casa, a mãe e o pai, a avó e uma prima de onze anos de idade.

Bárbara mora com os pais e com suas duas irmãs, uma tem apenas dois anos e a outra é mais velha, tem 18 anos e o melhor smartphone da casa. Alice é outra informante que mora com os pais. Manuela vive com outras três mulheres, a mãe e as duas irmãs. Talita mora sozinha com sua mãe que é muito doente. Gustavo vive só com a mãe também. Artur vive com a mãe e o padrasto, e Larissa também, com a mãe e o padrasto. Leonardo foi criado pelos pais, e vive com eles e outro irmão. Marcelo reside em uma casa apenas na companhia de sua mãe. Luís mora com a mãe e a avó materna. Luís não possui internet em casa e nem 3G no smartphone, por esse motivo, é um dos informantes que mais utiliza o serviço de SMS. Ele

paga cinco reais por um pacote de cem mensagens e chega a enviar mensagens de dois em dois minutos.

Podemos notar através das entrevistas com os jovens e também na fala de uma das professoras da escola que há muitas mães solteiras ou separadas que criam seus filhos sozinhas. O celular em alguns desses casos é o único meio que os filhos têm de se comunicar com os pais, pois alguns moram muito longe e outros não se relacionam bem com as mães. Silva (2011) realizou uma pesquisa com mulheres em situação de vulnerabilidade social e constatou que para as mulheres casadas o celular auxiliava no contato com os maridos para a coordenação das tarefas cotidianas. Já para as mães separadas dos pais de seus filhos foi constatado que o telefone celular era, na maioria das vezes, o único meio de contato, tanto entre o casal quanto entre pai e filho.

Gustavo conta que sua mãe não implica com o seu constante uso de celular porque ela também utiliza um smartphone o dia todo para trabalhar e ler e-mails. Mas a mãe de Gustavo é uma exceção. Todos os outros informantes relataram que suas famílias não gostam ou não compreendem o uso do celular e das redes sociais hoje. Alguns pais acreditam até que os filhos são viciados em celular e em internet, e que deveriam passar por um tratamento.

Em relação a minha família, minha mãe não chega a falar nada do meu uso do celular, por causa que ela também tem o dela, que é quase igual o meu, e ela também fica bastante. Ela usa pro trabalho dela, manda e-mail e coisas assim. (Gustavo - 12 anos – 7ª série)

Eu moro com meus tios emprestados. Então, eles são bem mais velhos do que eu, aí é bem difícil. Eles não entendem as novas tecnologias que chegaram, como celular, internet, as novas tendências do momento. Uma tem 82 e o outro tem 65 anos, é bem difícil pra mim. (Janaína – 15 anos – 7ª série)

A minha mãe odeia meu celular. Ela diz que vai jogar ele pela janela. Porque eu fico bastante tempo nele né, bastante mesmo. (Manuela – 14 anos – 8ª série)

Minha mãe diz que eu uso internet demais. Mas não é que eu uso internet demais pra ficar incomodando as pessoas, isso também, mas é no domingo a tarde principalmente. Eu tô incomodando mas eu tô trabalhando também. Eu tô fazendo os meus trabalhos, estudando pra alguma coisa, checando o que tão fazendo também. Mas eu faço tudo junto. Mas não adianta, sempre tem a visão das pessoas e a visão da mãe né. A minha mãe acha até que eu deveria me tratar de vício na internet. Menos né mãe, bem menos. Ela acha que eu estou muito conectada. Mas não é papo de viciada que não percebe seu vício. Eu almoço, pergunto se tem alguma coisa pra eu fazer, não, não tem. Então tá, me tranco no meu quarto e vou fazer alguma coisa útil. E também ah, tô sem nada pra fazer qual é o custo de incomodar um amigo ali pelo bate-papo? Ninguém tá saindo de casa mesmo. (Melinda - 14 anos – 8ª série)

Os telefones celulares se tornaram uma parte muito importante da vida cotidiana dos adolescentes (LING, 2004). O telefone móvel não é usado mais apenas para comunicação; ele é usado para a coordenação funcional de uma família e para a interação de um grupo. De acordo com Ling (2004) os celulares têm permitido novas formas de relações sociais e tornaram-se um elemento capaz de gerar discórdias nas relações familiares, principalmente na interação entre pais e filhos. Muitos pais tem medo das novas tecnologias, primeiramente porque não as conhecem tanto quanto os jovens e depois porque temem perder o controle sobre seus filhos.

Porém ainda que os pais tenham medo da internet e de um suposto vício que os filhos têm por seus celulares, todos acreditam que o telefone móvel traz segurança. Pais e filhos se sentem mais seguros quando estão com os celulares por perto. Silva (2011) constata em sua pesquisa realizada com mães em situação de vulnerabilidade social em Curitiba, que o celular tem um papel importante nos relacionamentos entre mães e filhos, especialmente no que diz respeito à segurança e à supervisão. Segundo Ling (2004) esse aparelho também atua como um auxílio imediato em caso de emergência ou perigo. Se o adolescente se perder, sofrer algum acidente ou precisar falar com os responsáveis por qualquer motivo, no mesmo instante ele faz a chamada através de seu dispositivo móvel.

Talita ainda nos conta que mora sozinha com a mãe que é muito doente, e que por esse motivo precisa e quer estar sempre com o celular. O telefone para essa jovem representa a segurança da mãe. É a filha que quer rastrear e saber o que está acontecendo com a mãe e como ela está, porque a mesma está com a saúde debilitada. Nesse caso, podemos notar que o papel de segurança - representado pelo celular na mão dos filhos – se inverteu; Talita, a filha, é quem pede para a mãe estar com o celular sempre por perto.

Como eu tenho a minha mãe que é muito doente né, no caso se acontecer alguma coisa com ela aí podem me ligar, eu posso ligar pra ela, daí eu trago sempre o celular. Tô sempre com ele por conta de doença e também porque eu sempre vivo grudada com ele mesmo. (Talita - 15 anos - 7ª série)

Minha família acha que eu tá sempre conectada é um vício e que eu deveria parar um pouco, mas eu não paro, eu não consigo. Mas a mãe também acha que o celular é mais uma segurança, porque qualquer coisa eu posso ligar, se acontecer alguma coisa comigo eu posso avisar. E eu acho que é mais uma segurança também, porque daí se acontecer alguma coisa eu posso avisar alguém. E eu acho que eu me torno um pouco mais independente com o celular. (Elisa - 14 anos - 7ª série)

Em relação à família, a minha mãe sempre pede pra eu deixar ele [o celular] ligado, mesmo que seja no silencioso. Ela pede pra eu nunca desligar porque ela sempre quer saber onde é que eu tô né. Ele me dá mais independência com certeza, porque sem celular tu precisa tá em casa pra avisar que vai a algum lugar e coisa, e agora com o celular tu pode avisar de qualquer lugar ‘olha mãe tô indo em tal lugar e volto tal hora’. Ele é bem prático mesmo e nos dá uma certa liberdade. (Ricardo – 15 anos – 8ª série)

Além do fator da segurança, notamos nas entrevistas que o celular é visto como um artefato que proporciona mais independência para os adolescentes. Em uma pesquisa realizada por Nicolaci-da-Costa (2006) com mães de filhos jovens que utilizavam o celular, todas as mulheres entrevistadas revelaram comprar seus celulares e os de seus filhos principalmente com a finalidade de manter contato com estes independentemente de onde eles ou elas próprias estivessem. A partir da análise da autora é frisado que os celulares propiciam aos jovens uma expansão de sua área de privacidade e também a ampliação de sua autonomia.

Com o aumento do consumo de celulares as relações entre mães e filhos foram de fato alteradas. O contato presencial entre as mães e os jovens diminuiu na medida em que estes trocaram o telefone fixo de casa pelos celulares. Todavia Nicolaci-da-Costa (2006) conclui que isso não impediu que jovens e suas mães continuassem constantemente em contato, agora através de dispositivos móveis; esse contato constante com os responsáveis geralmente é um compromisso aceito pelos próprios jovens em troca de receberem um celular para uso pessoal, o qual os responsáveis pagam as contas.

As mães, segundo Nicolaci-da-Costa (2006), e também os responsáveis pelos jovens no geral, perderam boa parte do poder que antes tinham. Antes as mães e os pais disciplinavam, ditavam normas, horários e condutas. Mas por mais que eles tenham perdido boa parte deste poder, eles possuem ainda a autoridade para exigir que seus filhos os deixem informados – via celulares – a respeito de onde estão, com quem estão e da hora em que vão chegar; e quando eles não fornecem essas informações voluntariamente, os pais se sentem com o direito de buscá-la e o fazem sem qualquer restrição (NICOLACI-DA-COSTA, 2006). Para a autora esta vigilância constante dos pais é justificada pela crescente consciência de riscos de todos os tipos, reais e imaginários aos quais os jovens se encontram expostos hoje. Silva (2011) relata em sua análise a história de uma informante que conseguiu evitar que sua filha fosse molestada, apenas com uma ligação no celular. Os pais tem medo do que pode acontecer com seus filhos – más companhias, drogas, sequestradores e pedófilos são

preocupações constante das mães (SILVA, 2011) - e o celular aparece nessa história como uma forma de segurança que eles possuem.

### **Considerações finais**

O smartphone ganhou muito destaque a partir de 2013, tem sido muito evidenciado pela mídia, nunca teve modelos de entrada tão acessíveis no mercado e está se popularizando cada vez mais. Os dados de Teleco (2013) afirmam que o preço dos smartphones no ano passado caiu cerca de 25%, o que explica em parte a explosão de vendas desses aparelhos. Pudemos notar através da observação em campo e das entrevistas a importância que esses aparelhos têm na vida dos jovens e nas suas relações familiares.

Esse dispositivo móvel é um objeto importante para a cultura material contemporânea e estudar como ele é consumido e como ele atinge o âmbito familiar é de grande contribuição para as pesquisas de consumo. Outro fator importante para a pesquisa é o fato do trabalho envolver o uso de smartphones nas camadas populares, pois esses tipos de bens são considerados supérfluos e são vistos com preconceito pelas camadas altas quando se encontram nas mãos de pessoas com menos poder econômico.

Hoje o jovem encontra conectado o seu lugar de pertencimento. As formas de consumir, de interagir e de socializar se modificaram, porém as relações mudaram basicamente de território, agora acontecem on-line e off-line. O que antes era feito face a face, somente agora e ao vivo, hoje pode ser feito a milhares de quilômetros. As novas tecnologias romperam as barreiras físicas e geográficas que nos eram impostas e nos apresentaram um lugar onde as relações à distância, entre diferentes bairros, cidades e países se tornam simples.

Os telefones celulares se tornaram uma parte muito importante da vida cotidiana das pessoas, principalmente dos adolescentes (LING, 2004). O telefone móvel não é usado mais apenas para comunicação; ele é usado para a coordenação funcional do cotidiano e para a interação de um grupo e de uma família.

Diferentes realidades marcam a vida dos jovens, por isso o impacto do uso do smartphone é diferente em cada família. As famílias em nosso país são compostas de maneiras diversas, economicamente, culturalmente, socialmente ou também por diferentes faixas etárias, por diferentes perfis e quantidade de membros. Acreditamos que a maneira como os pais e a escola ensinam os adolescentes influencia muito no seu modo de se apropriar

do celular. Os usos dos dispositivos móveis podem ser vistos como positivos ou negativos pela família, tudo depende da maneira como são conduzidas as relações entre as pessoas no espaço familiar.

## Referências

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTRO, Gisela. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Lívia (org.). **Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DUTRA, Flora. **Usos e apropriações do celular por jovens de classe popular**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEMONS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 4, nº 10, 2007.

LING, Rich. **The Mobile Connection: the cell phone's impact on society**. New York: Morgan Kaufman, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Celulares: A emergência de um novo tipo de controle materno. **Psicologia & Sociedade**; 18(3): 88-96; set/dez, 2006.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Os *gadgets* e a experiência adolescente. In: **Juventude e Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SILVA, Sandra Rubia. **Aspectos socioculturais da apropriação de telefones celulares entre mulheres em situação de vulnerabilidade social**. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2011.

STERN, Susannah R., WILLIS, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, Sharon R. e colaboradores. **Os jovens e a mídia: 20 questões**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TELECO. Inteligência em Telecomunicações, 2013. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/>>  
Acesso em: junho 2013.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.



VERZA, Fabiana. O uso do celular na adolescência e sua relação com a família e grupo de amigos. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2008.

WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusóe ya tiene celular:** la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Sigla XXI: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.